

Neoliberalismo e saúde mental: um estudo com jovens universitários do Oeste do Paraná

*Fabício Duim Rufato*¹

*Geovane dos Santos da Rocha*²

*Nandra Martins Soares*³

*Elisabeth Rossetto*⁴

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Resumo: Este estudo investiga a saúde mental de acadêmicos do oeste do Paraná, com idades entre 18 e 29 anos, em relação ao impacto do neoliberalismo. Participaram da pesquisa 829 estudantes dos cinco campi da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), sendo utilizados dados sociodemográficos e a Escala EADS-21 para o levantamento desses. Os resultados revelaram elevados índices de depressão, ansiedade e estresse, associados à competitividade, ao individualismo e a pressões características do contexto neoliberal. Ressalta-se a importância de considerar os determinantes socioeconômicos na saúde mental, adotando uma abordagem que vá além da naturalização do sofrimento psíquico, questionando as estruturas sociais que perpetuam o adoecimento e propondo intervenções que transcendam o tratamento individual.

Palavras-chave: adoecimento psíquico; capitalismo; universidade; materialismo.

¹ Doutor em Educação pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE).

² Doutorando em Educação pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE).

³ Doutoranda em Educação pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE).

⁴ Doutora em Educação pela UFRGS. Professora do Programa de Pós-graduação em Educação pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE).

Neoliberalism and mental health: a study with young university students from Western Paraná

Abstract: This study investigates the mental health of academics in western Paraná, aged between 18 and 29, in relation to the impact of neoliberalism. A total of 829 students from the five campuses of the State University of Western Paraná (UNIOESTE) participated in the research, using sociodemographic data and the EADS-21 Scale for data collection. The results revealed high levels of depression, anxiety, and stress, associated with competitiveness, individualism, and pressures characteristic of the neoliberal context. The importance of considering socioeconomic determinants in mental health is emphasized, adopting an approach that goes beyond the naturalization of psychological suffering, questioning the social structures that perpetuate illness, and proposing interventions that transcend individual treatment.

Keywords: mental illness; capitalism; university; materialism.

Neoliberalismo y salud mental: un estudio con jóvenes universitarios del oeste de Paraná

Resumen: Este estudio investiga la salud mental de académicos del oeste de Paraná, con edades entre 18 y 29 años, en relación con el impacto del neoliberalismo. Participaron en la investigación 829 estudiantes de los cinco campus de la Universidad Estatal del Oeste de Paraná (UNIOESTE), utilizando datos sociodemográficos y la Escala EADS-21. Los resultados revelaron altos índices de depresión, ansiedad y estrés, asociados a la competitividad, el individualismo y las presiones características del contexto neoliberal. Se resalta la importancia de considerar los determinantes socioeconómicos en la salud mental, adoptando un enfoque que vaya más allá de la naturalización del sufrimiento psíquico, cuestionando las estructuras sociales que perpetúan el malestar y proponiendo intervenciones que trasciendan el tratamiento individual.

Palabras clave: enfermedad psicológica; capitalismo; universidad; materialismo.

Dados sobre o adoecimento psíquico no século XXI indicam um aumento exponencial nos diagnósticos de depressão e ansiedade em nível global. A Organização Mundial da Saúde (OMS) reportou, em 2001, que cerca de 800 mil suicídios ocorrem anualmente, com 79% desses casos registrados em países subdesenvolvidos. O suicídio, nesse contexto, é apontado como a segunda principal causa de morte entre adolescentes e jovens adultos.

Em 2021, a OMS destacou que 76% a 85% das pessoas com transtornos mentais graves em países de baixa e média renda não recebem tratamento adequado. Nos países desenvolvidos, essa proporção varia de 35% a 50%, ainda representando uma estatística alarmante em relação ao adoecimento psíquico. Globalmente, os gastos anuais com saúde mental não ultrapassam dois dólares por pessoa, sendo esse valor ainda menor nos países subdesenvolvidos, isto é, 25 centavos de dólar por pessoa (WHO, 2021).

Com o aumento expressivo dos casos de transtornos mentais, observa-se também uma crescente tendência à medicalização. Um estudo conduzido por Oliveira, Varallo, Jirón *et al.* (2021) destacaram que o crescimento do consumo de substâncias psicoativas em São Paulo superou o aumento populacional. Nesse contexto, a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA, 2023) revelou que, das 217 empresas que comercializaram medicamentos em 2022, 59 (27,2%) obtiveram lucros superiores a R\$ 500 milhões.

Dunker (2020) destaca que, desde a década de 1970, houve uma inversão social na compreensão e no tratamento de psicopatologias. Ao invés de promover a proteção e a escuta sobre o sofrimento, passou-se a administrá-lo para fins específicos. Foi constatado que, na dose certa, poderia impulsionar a produtividade e impulsionar a comercialização de produtos. De tal maneira, a existência do sofrimento não necessariamente se opõe ao sistema socioeconômico vigente, fundamentado em princípios neoliberais.

De acordo com Ianni (1998), o neoliberalismo envolve a liberação crescente e generalizada de todas as atividades econômicas, incluindo a produção, distribuição, troca e consumo. A abordagem neoliberal busca promover a autonomia dos agentes econômicos, fomentando a iniciativa privada e reduzindo a interferência estatal, com a crença de que um mercado mais livre e desregulado pode resultar em maior eficiência e crescimento econômico.

Dunker (2020a) vê o neoliberalismo não apenas como uma teoria econômica que favorece o aumento do capital financeiro das empresas, mas também como um estímulo ao consumo exacerbado e desnecessário, promovendo a acumulação de mercadorias e produtos. Nesse contexto, o sofrimento pode ser produzido e gerenciado para alinhar-se à lógica do sistema. O resultado desse processo é a individualização do adoecimento, a responsabilização subjetiva e a transformação das pessoas em objetos.

O neoliberalismo, ao colocar o lucro em patamar central, relega uma quantidade incontável de indivíduos a condições desumanas de existência, privados de elementos básicos de sobrevivência. Neste processo, pessoas deixam de ser tratadas como humanas e passam a ser consideradas apenas como recursos dentro da

lógica de mercado capitalista. Ainda, vale ressaltar, se o bem-estar da população – ou seu adoecimento –, é utilizado como forma de controle e lucro.

Neste cenário, a população jovem se encontra em uma posição diferenciada, enfrentando diversas exigências sociais relacionadas ao início da vida adulta. Essa é uma realidade cruel, na qual, para garantir o básico, é necessário muito esforço, com poucas oportunidades e perspectivas de mudança. Essa situação resulta em uma narrativa de sofrimento que individualiza o fracasso, manifestando-se na forma de culpa e responsabilização subjetiva. Com isso, as determinações objetivas da vida dos indivíduos são esquecidas.

Quando se fala em jovens, a vida universitária frequentemente se destaca, simbolizando o sonho de prosperidade que é cursar o ensino superior. No entanto, a universidade traz novas e maiores responsabilidades, para as quais muitos jovens não foram adequadamente preparados. Existem pressões internas, provenientes da família e dos professores, além das dificuldades nas relações interpessoais. A necessidade de conciliar estudos com trabalho e outras responsabilidades também é comum.

Vale ressaltar que o suicídio é a segunda causa de morte mais comum entre jovens de 15 a 29 anos, ficando atrás apenas dos acidentes de trânsito e da violência, seguido pela depressão. O consumo e abuso de álcool e drogas ilícitas, frequentes entre os jovens, muitas vezes, resultam em comportamentos de risco, como sexo sem proteção, direção perigosa e envolvimento em atividades criminosas. Além disso, distúrbios alimentares, como anorexia, bulimia e obesidade, são considerados alguns dos desafios enfrentados por essa faixa etária (OMS, 2017).

A lógica neoliberal leva a compreensão do adoecimento psíquico como algo natural, ou seja, como um produto isolado de componentes biológicos e naturais. Em contrapartida, argumenta-se que os sintomas típicos de transtornos mentais evidenciam a realidade do sofrimento, revelando que existem outros fatores associados ao fenômeno, como os sociais, culturais, econômicos, políticos e históricos. Em outras palavras, esse processo é multideterminado.

Considerando o panorama apresentado, surgem as seguintes questões: qual é o estado da saúde mental de acadêmicos nos cursos de graduação? Qual é o papel do neoliberalismo nesse processo? Com o objetivo de responder a essas questões, este estudo buscou levantar dados sobre a saúde mental de jovens universitários e compreender os elementos neoliberais que contribuem para o adoecimento psíquico. Para isso, foi desenvolvido um estudo com jovens de 18 a 29 anos provenientes de cursos de graduação dos cinco *campi* da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE).

Metodologia

O presente estudo configura-se como uma pesquisa de campo, de caráter quantitativo. Segundo Gil (2017), este tipo de pesquisa busca conhecer um determinado comportamento, isto é, solicita-se informações de um grupo significativo de sujeitos acerca do problema estudado para posteriormente realizar a análise quantitativa e obter conclusões correspondentes a esta amostra.

A pesquisa foi realizada na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), a qual é dividida em cinco *campi*. A população foi de 829 estudantes, distribuídos da seguinte forma: 391 (47%) no campus de Cascavel, 218 (26%) no campus Foz do Iguaçu, 87 (10%) no campus Toledo, 66 (8%) no campus de Francisco Beltrão e 67 (8%) no campus de Marechal Cândido Rondon.

De acordo com os dados fornecidos pela Pró-Reitoria de Graduação (PROGRAD) da UNIOESTE o total de alunos matriculados é de 8.450, sendo que 7.535 têm entre 18 e 29 anos. Assim, o número de jovens selecionados para a pesquisa corresponde a 11% do total de acadêmicos dessa faixa etária em toda a UNIOESTE, sendo uma amostra representativa da população. De acordo com Creswell (2010), em pesquisas quantitativas, o uso de uma amostra que represente pelo menos 10% da população-alvo pode ser suficiente para garantir a validade dos achados, desde que a seleção seja feita de forma aleatória e respeitando a diversidade do grupo estudado.

Os instrumentos utilizados para a coleta de dados foram um questionário sociodemográfico, como informações pessoais, tais como: idade, sexo, cidade que mora, curso de graduação, se trabalha ou não, estado civil, etc. e a Escala de depressão, ansiedade e stress (EADS-21) foi aplicada com o objetivo de levantar características e comportamentos relacionados à saúde mental dos universitários, classificando-os quanto ao nível dos sintomas, em: normal, leve, moderado, severo e extremamente severo.

Ambos os questionários foram aplicados online por meio da plataforma Google Forms. Ressalta-se que a pesquisa foi aprovada pelo Comitê de ética em seres humanos, através do parecer CAAE: 39224620.0.0000.0107, e todos os participantes concordaram com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Os dados foram analisados quantitativamente, a partir de técnicas da estatística descritiva (média e desvio padrão, frequência e porcentagem), com auxílio do programa Excel 2010 para Windows e o software R (R Core Team, 2021). E os resultados foram interpretados a luz Materialismo Histórico-Dialético e da Psicologia Histórico-Cultural, além de valer-se de outros autores que coadunam com as perspectivas referidas.

O materialismo histórico-dialético serve como fundamento para a compreensão da história e da sociedade, além de proporcionar uma análise crítica das relações sociais, das instituições e das mudanças sociais ao longo do tempo. O materialismo histórico destaca a importância dos fatores econômicos e materiais na determinação das relações sociais e no desenvolvimento histórico. Por sua vez, o método dialético envolve a análise das contradições, dos conflitos e das transformações contínuas que ocorrem na realidade. (SCHMIDT e ROSSETTO, 2019).

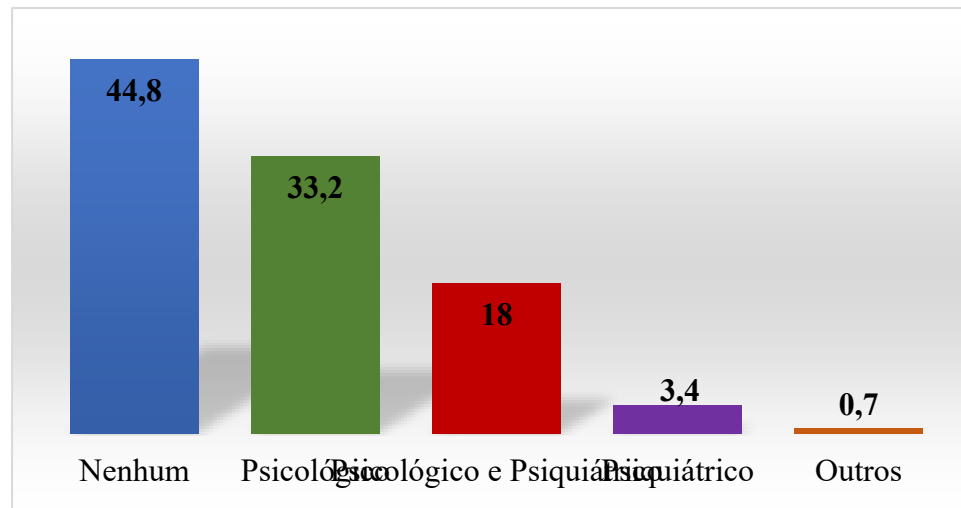
A Psicologia Histórico-Cultural proposta por Vigotski apropriou-se do método e das categorias postuladas por Marx para desenvolver seus estudos sobre o desenvolvimento do psiquismo humano, analisando o ser humano como sujeito que se constitui a partir da história, da cultura e das relações sociais (VIGOTSKI, 2021a).

Resultados e discussão

Dos 829 acadêmicos da UNIOESTE que participaram do estudo, 581 (70,1%) eram do sexo feminino e 248 (29,9%) do sexo masculino, com idade entre 18 e 29 anos. Constatou-se que 365 estudantes (44%) estão matriculados em cursos de turno integral, enquanto 297 (35,8%) frequentam o turno noturno e 167 (20,1%) optaram por cursos do período matutino. Quanto à distribuição por áreas de conhecimento, seguindo os parâmetros da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, observa-se que 369 (44,5%) estão na área das exatas, 297 (35,8%) nas humanas e 163 (19,7%) na área da saúde.

Os dados coletados indicam que mais de 50% da população pesquisada recebeu ou está recebendo tratamento em saúde mental, seja por meio de acompanhamento com psicólogo, psiquiatra ou com ambos os profissionais, conforme ilustrado no Gráfico 1.

Gráfico 1 – Tipos de tratamentos em saúde mental. Fonte: dados da pesquisa.



Quanto ao uso de medicação, a maioria dos acadêmicos, 582 (70,2%), não faz uso de nenhum tipo de medicação. Dentre os que fazem uso, 145 (17,5%) utilizam medicação psiquiátrica, 85 (10,3%) usam medicação contínua para outras finalidades que não tratamento em saúde mental, e 17 (2,1%) fazem uso de medicação tanto psiquiátrica quanto para outras condições. Além disso, os dados revelam que 440 (53,1%) não têm familiares com transtornos mentais, enquanto 389 (46,9%) têm familiares que enfrentam problemas de saúde mental.

Para analisar o elevado número de jovens universitários em tratamentos de saúde mental, este estudo rejeita uma perspectiva que normatiza e naturaliza o sofrimento como uma questão exclusivamente individual. Em vez disso, adota-se uma abordagem materialista que reconhece o ser humano como um ser social, inserido em uma sociedade capitalista. Nesse contexto, práticas que promovem o individualismo, a busca por resultados imediatos, o consumismo e a competitividade exacerbada são incentivadas. Como consequência, o valor de uma pessoa é frequentemente medido por sua produtividade e sucesso financeiro, levando-a a trabalhar excessivamente, ultrapassar seus limites e sacrificar o bem-estar em prol do lucro.

Embora existam outros sistemas sociais baseados na troca e venda de mercadorias, é no capitalista que a dependência de mercado se torna uma condição fundamental de existência. Conforme aponta Wood (2003), essa forma de organização socioeconômica tem suas raízes na Inglaterra nos séculos XVI e XVII, embora o termo "capitalismo" tenha sido cunhado muito depois. É apenas no século XIX que o sistema se tornou plenamente industrializado, indicando uma história relativamente breve. Nesse sistema, defende-se a propriedade privada dos meios de produção e tem-se o lucro como objetivo central.

Com o tempo, o capitalismo evoluiu para diferentes formas de organização, entre as quais se destaca o neoliberalismo. Esse modelo, que ganha força no final do século XX, fundamenta-se na suposição de que a gestão pública das relações

econômicas é ineficaz ou, ao menos, pouco eficaz. Através da intervenção mínima do Estado, busca-se aumentar a produtividade e a lucratividade, promovendo a competitividade entre empresas nos mercados regional, nacional e internacional. Nesse contexto, o neoliberalismo se estabelece em um mundo cada vez mais sistêmico, onde a realidade sociocultural é organizada, integrada, administrada e dinamizada sob a lógica da centralização do capital (IANNI, 1998).

Marx (2006) desenvolveu o conceito de mais-valia para caracterizar a exploração inerente ao sistema capitalista e neoliberalista. A mais-valia corresponde à diferença entre o valor de um produto e o valor necessário para seu processo de produção. Para produzir um bem, são necessários dois tipos de capital: o capital constante, que se refere ao valor dos meios de produção, e o capital variável, relacionado à compra da força de trabalho indispensável à produção. A mais-valia surge a partir do capital variável, uma vez que o trabalho do ser não é remunerado na mesma proporção em que ele gera valor. Há, assim, um excedente de trabalho não pago.

Na lógica do sistema, o trabalhador vende sua força de trabalho ao capitalista, que detém os meios de produção, e recebe em troca um salário básico suficiente para sua subsistência. Durante o processo de trabalho, o trabalhador gera mais valor do que lhe é pago, e esse excedente (mais-valia) é apropriado pelo capitalista. Nesse ponto, importa ressaltar que a exploração do trabalho humano não se restringe ao ambiente fabril de produção e comercialização de mercadorias. Com o tempo, a busca incessante pela expansão do capital tornou o capitalismo extraordinariamente dinâmico, incorporando até mesmo a saúde mental à lógica de mercado.

Nesse contexto, destaca-se a "hipótese depressiva" de Dunker (2020), que se baseia nas características contemporâneas do diagnóstico da depressão. De acordo com o autor, desde os anos 1970 houve uma mudança na compreensão e no tratamento social dessa psicopatologia: em vez de enfatizar o tratamento em torno deste sofrimento, passou-se a administrá-lo com certos objetivos. Foi observado que, se utilizado corretamente, o adoecimento pode ser: um impulsionador da produtividade (pois os não aptos ao trabalho são substituídos); e uma fonte de comercialização de produtos (venda de medicamentos e outras mercadorias).

Conforme descreve Safatle (2020), o real intuito do neoliberalismo é compor uma engenharia social que possa configurar os conflitos sociais e a estrutura psíquica da população. Em outras palavras, compõe um modo de intervenção nas dimensões produtoras de conflitos, fazendo os indivíduos trabalharem a favor do mercado. Tal relação resulta na individualização do sofrimento, na responsabilização subjetiva dos indivíduos e na transformação das pessoas em meros objetos, isto é, em meios e/ou instrumentos de produção e consumo.

Franco, Castro, Manzi et al. (2020) afirmam que, no neoliberalismo, a ordem de mercado se apresenta às pessoas como um palco para a realização de diversos valores. A intenção é que os indivíduos participem do jogo da concorrência, otimizando suas capacidades competitivas. Nesse contexto, as pessoas são totalmente responsabilizadas por seus fracassos. A busca pela felicidade e pela satisfação se funde à lógica de mercado do sistema, reduzindo os afetos humanos a meras motivações para investir, comprar e vender.

Essa relação concretiza-se no imaginário social de diversas formas. Uma delas é apontada por Goldenberg (2023) por meio da "fantasia do sonho americano", a qual sustenta que qualquer pessoa pode alcançar o sucesso e a prosperidade social por meio da determinação e do trabalho árduo, independentemente

de sua classe econômica, raça e possibilidades. Com isso, ignoram-se as estruturas sistêmicas de desigualdade, e ilude-se a população de que ela tem controle sobre seu destino, enquanto esse encontra-se traçado de acordo com os interesses do capital.

Considera-se que a juventude, entre 18 e 29 anos – faixa etária dos jovens participantes desta pesquisa – é o período em que as ideologias capitalistas e neoliberais começam a se materializar com maior intensidade. Esse é o momento em que se espera que os indivíduos busquem uma vida de prosperidade, seja por meio dos estudos, do trabalho ou de ambos. Ratner (1995) argumenta que, no contexto contemporâneo, os jovens são confrontados com estratégias discursivas que reduzem o universal ao particular, resultando na perda da singularidade individual em favor de um discurso que naturaliza e normatiza modos de vida.

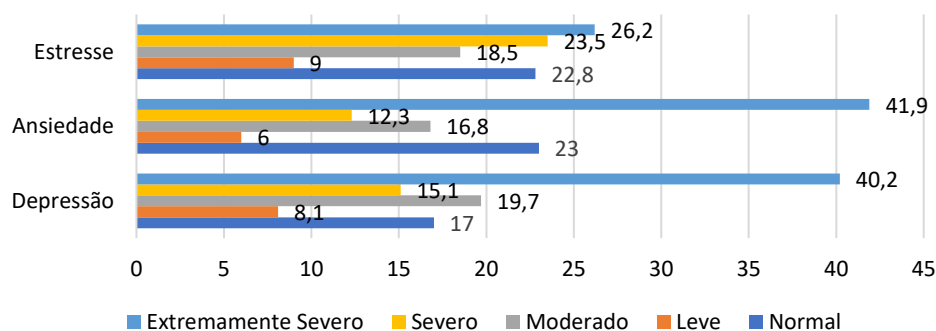
Trata-se de um cenário que a população jovem, seguindo o pensamento de Safatle (2020), em que todos os setores da vida encontram-se indexados a uma visão baseada na generalização da racionalidade econômica, isto é, centraliza-se a ideia de que todos os indivíduos devem maximizar o seu próprio interesse monetário. Como consequência, as formas de sofrer aparecem como indicativos de impossibilidades individuais de gerir a vida, retirando do sofrimento psíquico toda consciência de violência social. Essas são, segundo o autor, as repercussões do neoliberalismo sobre a saúde mental.

No Materialismo Histórico-Dialético, a compreensão do processo de saúde-doença envolve a análise das contradições nas relações entre a força de trabalho e os bens de consumo. Defende-se que, para compreender o fenômeno, é essencial considerá-lo em sua totalidade, examinando as relações mais amplas de produção e reprodução social. Em outras palavras, durante o processo de objetivação do trabalho, as capacidades humanas são desgastadas, e, através da alienação, o sujeito tenta manter um nível de exigência consigo mesmo em um sistema competitivo que amplifica as dificuldades da vida.

Nesse sentido, em relação aos dados coletados nesta pesquisa, dos 829 estudantes jovens participantes, mais da metade relatam sintomas graves e extremamente graves de depressão, ansiedade e estresse. Além disso, a amostra revelou que 17% já tentou suicídio em algum momento da vida. Também foi observado que, quanto mais jovem o grupo, maiores são os índices de sofrimento psíquico ou de tentativas de suicídio.

Utilizando a escala EADS-21, foram avaliados os níveis de ansiedade, depressão e estresse entre os jovens, considerando todas as idades e os diferentes *campi*. Observou-se um alto índice de sintomas em todas as áreas, sem diferenças significativas entre os *campi*. Os níveis da escala são classificados como: normal, leve, moderado, severo e extremamente severo. O Gráfico 2 ilustra os dados obtidos.

Gráfico 2 - EADS-21: depressão, ansiedade e estresse. Fonte: dados da pesquisa.



Percebe-se índices extremamente severos de depressão, ansiedade e estresse entre os acadêmicos. A disparidade mais significativa é observada nos índices de depressão, com 55,3%, e ansiedade, com 54,2%, indicando sintomas severos e extremamente severos, seguidos pelo estresse, onde 47,5% dos participantes estão entre os níveis severo e extremamente severo.

Tais índices estão diretamente atrelados a questões contemporâneas, como a intensa jornada de estudos, dificuldades financeiras e a falta de acolhimento adequado ao sofrimento psíquico. Observa-se valorização exacerbada da materialidade, isto é, uma vida baseada nos bens materiais e econômicos. Nesse contexto, o valor de um indivíduo é frequentemente medido pelo que possui, pelo que conquista através do capital.

Franco, Castro, Manzi *et al.* (2020) descrevem que a população, quando pensada como capital humano, está sob a ideologia de mercado, em que o sucesso é pensado como de responsabilidade individual. Da mesma forma, o fracasso diz respeito a incompetências do sujeito, algo de seu inteiro encargo. Dito de outra forma, cada pessoa é entendida como uma empresa, a qual está submetida às inseguranças da lógica de mercado – com competição, hierarquização e tratamento dos outros como coisas.

Tratando-se de jovens universitários, os altos índices de estresse, ansiedade e depressão compõem a superficialidade do fenômeno do adoecimento psíquico. No pensamento neoliberal, considera-se tais sintomas como uma evidenciação do fracasso ou ao menos da dificuldade dos estudantes em atenderem às demandas de sua faixa etária e contexto universitário. Levam-se as dificuldades ao campo individual e consideram que, por exemplo, o estresse pelo número de tarefas corresponde a uma desorganização; que a ansiedade é resposta à falta de preparação de estudos para uma prova; ou, então, que o sentimento de tristeza e culpa corresponde ao aluno não ter capacidade.

Em contraponto, considera-se que os indicadores de adoecimento psíquico estão relacionados aos condicionantes sociais, culturais, políticos e econômicos do tempo e lugar em que se evidenciam. Em uma perspectiva materialista, o estado de saúde mental de jovens universitários está relacionado com suas condições de vida: seu cotidiano, qualidade das trocas sociais, volumes de tarefas a executar, amparo em situações de dificuldade, qualidade de sono e alimentação, prática de exercícios físicos, moradia, uso de drogas e psicotrópicos etc.

De tal maneira, pode-se dizer que a vivência universitária está organizada de acordo com os preceitos empresariais capitalistas e neoliberais, havendo diminuição dos laços sociais para o favorecimento da competitividade. Da mesma

forma, os ideais inalcançáveis de desempenho, as cobranças por resultado, as relações desumanizadas, a falta de apoio acadêmico e emocional, o enfraquecimento de laços entre professores e alunos, entre outros, caracterizam como importantes pilares para a gestão neoliberal do sofrimento psíquico.

Vigotski (2021a) postula que tudo o que é humano, ou diz respeito ao ser humano, está intrinsecamente conectado aos fenômenos da realidade sociocultural do sujeito em questão. Ele argumenta que a formação da personalidade humana, inclusive seus aspectos psicopatológicos, é moldada pelas circunstâncias históricas, sociais e culturais do ambiente em que o sujeito está imerso. De acordo com sua visão, a constituição e humanização do ser humano acontecem por meio das interações sociais e da atividade primordial do trabalho. Portanto, quanto mais esses elementos forem dificultados, mais a vida humana será precarizada.

Silva e Tuleski (2015) descrevem que a sociedade contemporânea, moldada pelo sistema de classes oriundo do modelo capitalista de produção material, desencadeia uma variedade de angústias. Elas argumentam que a Psiquiatria tem se restringido a uma abordagem superficial do sofrimento psíquico, favorecendo principalmente intervenções paliativas e medicamentosas para mitigar os sintomas apresentados pelos indivíduos. Essa tendência tem se acentuado nas últimas décadas, acarretando na negligência em relação à essência dos fenômenos e na ênfase exclusiva na aparência e superfície dos sintomas.

Almeida (2018) relata que as normas e práticas prevalentes na contemporaneidade demandam um aumento contínuo no gasto de energia vital – tanto no trabalho quanto em outros aspectos da vida social – forçando as pessoas a ultrapassarem seus próprios limites biopsíquicos. Isso resulta em padrões de exaustão e enfermidade. Além disso, na dinâmica social, aqueles que adoecem são frequentemente culpabilizados por não se ajustarem “à maneira como a vida é”. Nessa vertente, o sofrimento de jovens universitários não tem considerado suas casuísticas.

Dunker (2020) considera que além de despercebido, o adoecimento da população jovem é negado por meio de redução do mal-estar a problemas típicos da vida em sociedade. Em razão disso, muitos procuram alívio em medicações psicoativas com fins de diminuir o sofrimento sentido. Por outro lado, metodologias de enfrentamento realmente efetivas têm sido deixadas de lado, tal como o fortalecimento das relações com outros, processos de escuta e de narrativização do sofrimento.

O paradoxo reside no fato de que a sociedade capitalista e neoliberal incentiva performances ideais, enquanto o motor do mercado global é criar necessidades nos indivíduos que supostamente os tornarão felizes. No entanto, tal busca incessante mantém o sujeito em um ritmo exaustivo e o expõe a situações de completa incerteza e insegurança. Tal cenário faz-se presente nas universidades de diversas formas: pressão por resultados, competitividade entre alunos, fomento do individualismo, sobrecarga de tarefas, individualização de fracassos etc.

Vale ressaltar que a predominância de sintomas foi maior no sexo feminino. Os índices extremamente severos em mulheres foram de 241 (29%) para depressão, 219 (26,5%) para ansiedade e 149 (18%) para estresse. No sexo masculino, os índices foram de 92 (11,1%) para sintomas depressivos extremamente severos, seguido de 109 (13,2%) para ansiedade e 66 (8%) para estresse. Há de se lembrar que, historicamente, foram destinadas às mulheres as funções de cuidado e zelo da casa e dos filhos. A entrada na universidade não se exclui deste fenômeno.

Marques (2022) evidencia que a mulher esteve, de forma geral, invisibilizada em todos os espaços da vida humana ao longo da história, o que justifica a luta

constante por reconhecimento de sua identidade. Entretanto, esse processo evidenciou-se pela procura por “dar conta” de um acúmulo de tarefas (domésticas, de trabalho, estudos, familiares) e resultou em níveis variados de adoecimento psíquico. Considera-se que a relação apontada pelo autor se relaciona aos elevados índices de sofrimento em mulheres identificados na presente pesquisa.

Por conseguinte, destaca-se que os acadêmicos do turno matutino demonstram os menores índices de sintomas de depressão, ansiedade e estresse, enquanto os do período integral exibem os mais altos, seguidos pelos do turno noturno. Em relação a isso, considera-se o nível de exigências nos cursos de período integral maior em relação aos matutinos, visto a discrepância de carga horária. Ao mesmo tempo, estudantes de cursos noturnos costumam apresentar uma carga de trabalho significativa no período diurno, aumentando seu ritmo diário entre conciliar o trabalho e o estudo, levando-o à exaustão.

Os acadêmicos mais jovens (18 a 21 anos) representam um maior índice de depressão, ansiedade e estresse. Por outro lado, os mais velhos (26 a 29 anos) apresentam os menores índices. O Quadro 1 ilustra essa relação.

Quadro 1 – Relação idade e sintomas dos jovens. Fonte: dados da pesquisa

ESTRESSE			
	18-21 anos	22-25 anos	26-29 anos
Normal	9,2	5,7	4,6
Leve	6,9	2,3	2,3
Moderado	14,9	4,6	1,1
Severo	14,9	5,7	3,4
Extremamente severo	14,9	6,9	2,3
ANSIEDADE			
	18-21 anos	22-25 anos	26-29 anos
Normal	12,7	5,7	0
Leve	2,3	2,3	2,3
Moderado	16	2,3	0
Severo	8	4,6	1,1
Extremamente severo	20	10,3	4,6
DEPRESSÃO			
	18-21 anos	22-25 anos	26-29 anos
Normal	0	4,6	5,7
Leve	5,7	0	0
Moderado	17,2	8	1,1
Severo	5,7	4,6	2,3
Extremamente severo	26,4	8	4,6

O período que vai da adolescência até a entrada na vida adulta é reconhecido como uma fase complexa e crucial no desenvolvimento humano, conforme destacado por Sousa *et al.* (2016). É uma época de transição, caracterizada por mudanças físicas, formação de identidade baseada nos grupos sociais em que o jovem se insere, e o surgimento de novas exigências e responsabilidades externas, como carreira profissional e acadêmica, gestão financeira, independência domiciliar, formação de família, entre outros.

Assim, é plausível afirmar que jovens enfrentam um maior risco de adoecimento psicológico devido aos desafios associados à transição da adolescência para a vida adulta. Nesse momento, ingressar na universidade, muitas vezes dis-

tante da família, com a pressão pela construção da carreira profissional, as exigências do ambiente acadêmico, as dificuldades financeiras e as crescentes responsabilidades, constitui fatores estressantes que contribuem para o desenvolvimento de problemas de saúde mental. Essa realidade foi corroborada pela maioria dos participantes da pesquisa.

Conforme destaca Vigotski (2021b), o desenvolvimento das funções psicológicas superiores ocorre com base nas inter-relações, ou seja, a possibilidade de existência de maturidade emocional por parte dos jovens universitários. Esta está relacionada com o fornecimento de recursos e apoio aos estudantes para que estes desenvolvam habilidades de gerenciamento de estresse, de organização de vida, de relaxamento etc. De tal forma, maiores índices de sintomatologias nas idades mais baixas evidencia a carência de aporte aos sujeitos para a passagem com bem-estar pela vivência universitária.

Considerações finais

Os dados coletados neste estudo revelam índices alarmantes de sofrimento psíquico entre os jovens acadêmicos da UNIOESTE, especialmente no que diz respeito à depressão, ansiedade e estresse. Ao longo das discussões, optou-se por rejeitar a perspectiva biomédica, que tende a normalizar e naturalizar o sofrimento como decorrência de falhas individuais. Em vez disso, o tema foi abordado sob a ótica materialista da saúde mental, priorizando a análise dos determinantes históricos, culturais, políticos e econômicos que influenciam essa realidade.

Reconhece-se o ser humano como um ser social inserido em uma sociedade capitalista e neoliberal, que fomenta práticas que privilegiam o individualismo, a busca por resultados imediatos, o consumismo e uma competição acirrada. Nesse contexto, a valorização de uma pessoa é, frequentemente, condicionada à sua produtividade e ascensão financeira, o que gera uma pressão para trabalhar mais, ultrapassar limites pessoais e sacrificar o bem-estar em nome do lucro. Tal dinâmica tem resultado em elevados níveis de adoecimento psíquico, tais como os apresentados na presente pesquisa.

Tratar o sofrimento apenas por meio de estratégias individuais, como o uso de medicamentos, perpetua a lógica neoliberal, ao responsabilizar o sujeito pelo seu adoecimento. Ao mesmo tempo, fomenta a venda de produtos farmacológicos, o que gera lucros exorbitantes. Nesse sentido, a dor humana não é tratada, mas silenciada. Neste estudo, defende-se uma outra forma de abordar o sofrimento: concedendo-lhe voz. Isso equivale a entender os aspectos subjetivos envolvidos na questão, mas também os fatores estruturais de poder que moldam a realidade dos sujeitos.

Os dados levantados na presente pesquisa demonstram que o neoliberalismo tem utilizado a saúde mental em sua lógica de mercado. A existência de psicopatologias não se demonstra como um impeditivo à operação do sistema, pelo contrário: a dor humana tem sido usada para sua propagação. Ao responsabilizar os indivíduos pelas suas mazelas, difunde-se o ideal de que a forma correta de se viver é aquela em que muito se produz. “Não reclame, trabalhe!” é uma das frases amplamente difundidas.

Nesse contexto, é necessário que políticas públicas de saúde mental sejam desenvolvidas de modo a dar suporte à população, em especial, aos jovens universitários. Entende-se ser necessária a adoção de estratégias que compreendam o adoecimento psíquico de forma ampla, isto é, que abordem as condições sociais,

culturais e políticas que o geram, sem se limitar a abordar a questão pela via individual. Por esse caminho, luta-se por alteração de fatores que facilitam o desenvolvimento de formas adoecidas de se viver, criando ambientes mais saudáveis que favoreçam o bem-estar.

A universidade, enquanto instituição acadêmico-científica que reflete os processos históricos, sociais e culturais da sociedade, desempenha um papel crucial na promoção do entendimento e na resolução dos desafios enfrentados pela humanidade. Assim, é fundamental que ela também esteja atenta aos processos de sofrimento e adoecimento mental, visando oferecer uma formação crítica que reconheça as determinações do sistema socioeconômico e suas mazelas, ao mesmo tempo em que proporciona uma abordagem humanizada aos acadêmicos.

Recebido em 13 de maio de 2024.

Aceito em 30 de novembro de 2024.

Referências

ALMEIDA, Melissa Rodrigues de. *A formação social dos transtornos de humor*. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva), Faculdade de Medicina de Botucatu, São Paulo, 2018.

ANVISA – Agência Nacional de Vigilância Sanitária. *Anuário Estatístico do Mercado Farmacêutico 2022*. Brasília: Anvisa, 2023.

CRESWELL, John W. *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. Porto Alegre: Artmed, 2010.

DUNKER, Christian. “A hipótese depressiva”. In: SAFATLE, Vladimir; SILVA JUNIOR, Nelson da; DUNKER, Christian. *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. pp. 177-212.

FRANCO, Fábio; CASTRO, Julio Cesar Lemes de; MANZI, Ronaldo; SAFATLE, Vladimir; AFSHAR, Yasmin. “O sujeito e a ordem de mercado: gênese teórica do neoliberalismo”. In: SAFATLE, Vladimir; SILVA JUNIOR, Nelson da; DUNKER, Christian. *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. pp. 47-75.

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2017.

GOLDENBERG, Ricardo. *Inconscientes*. Londrina: Editora Sinthoma, 2023.

IANNI, Octávio. Globalização e neoliberalismo. *São Paulo em Perspectiva*, 12 (2): 27-32, 1998.

MARQUES, Mariangela Braga. *Relação entre trabalho doméstico, fatores associados ao sofrimento psíquico e dinâmica familiar entre as mulheres donas de casa*. Monografia, Psicologia, UNISUL, Florianópolis, 2022.

MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

OLIVEIRA, Júlia Raso Ferreira de; VARALLO, Fabiana Rossi; JIRÓN, Marcela; FERREIRA, Iahel Manon de Lima; SIANI-MORELLO, Manuela Roque; LOPES, Vinícius Detoni; PEREIRA, Leonardo Régis Leira. Descrição do consumo de psicofármacos na atenção primária à saúde de Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, 37 (1): 1-15, 2021.

OMS – Organização Mundial de Saúde. Relatório Mundial de Saúde. *Saúde Mental: nova concepção, nova esperança*. Lisboa Portugal, 2001.

OMS – Organização Mundial de Saúde. *Jovens e saúde mental em um mundo em mudança*. Tema do Dia Mundial da Saúde Mental 2018, comemorado em 10/10. Ministério da Saúde, 2017.

RATNER, Carl. *A psicologia sócio-histórica de Vygotsky: aplicações contemporâneas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

SAFATLE, Vladimir. “A economia é a continuação da psicologia por outros meios: sofrimento psíquico e o neoliberalismo como economia moral”. In: SAFATLE, Vladimir; SILVA JUNIOR, Nelson da; DUNKER, Christian. *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. pp. 17-46.

SCHMIDT, Jeani Escher; ROSSETTO, Elisabeth. *A obra de Lev Semionovitch Vygotski: conceitos e interpretações*. Curitiba: CRV Editora, 2019.

SILVA, Maria Aparecida Santiago da; TULESKI, Silvana Calvo. Patopsicologia Experimental: abordagem histórico-cultural para o entendimento do sofrimento mental. *Estudos de Psicologia*, 20 (4): 207-2016, 2015.

SOUSA, Fonseca de Sousa; MACIEL, Silvana Carneiro; MEDEIROS, Katruccy Tenório; VIEIRA, Giselli Lucy Souza. Atitudes e Representações em Saúde Mental: Um Estudo com Universitários. *Psico-USF*, 21 (3), 2016.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. *Psicologia, educação e desenvolvimento*. Expressão Popular: São Paulo, 2021a.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. *Problemas da defectologia*. Expressão Popular: São Paulo, 2021b.

WHO, World Health Organization. *Mental health atlas 2020*. Geneva: World Health Organization, 2021.

WOOD, Ellen Meiksins. O que é (anti) capitalismo? *Crítica marxista*, 17: 37-50, 2003.